

A caminho de uma nova era

***Quarta-feira, o país
começará a ser desenhado
outra vez. Das urnas
pode nascer uma nova cultura***

Wilson Coutinho

Quando Reagan assumiu pela primeira vez a presidência da República dos Estados Unidos, ele não sabia que iria contribuir com duas coisas: o *yuppismo* e a sua radical crítica, o romance de Tom Wolfe, *Fogueira das vaidades*. A diminuição de recursos para a área social esquentou os guetos negros, e pôde-se assistir o filme de Spike Lee, *Faça a coisa certa*. Houve, se se desejar, uma era Reagan na cultura. As artes plásticas, porque desejava se comunicar com uma nova clientela endinheirada, um pouco fútil e ostensivamente cínica, trouxe Walt Disney para a pintura, gerando um verdadeiro infantilismo na arte, que foi uma marca indireta do reaganismo nos ateliês. O Brasil conhece, também, eras culturais, determinadas pela ação de um presidente. Quem lê *Angústia*, de Graciliano Ramos, não pode esquecer a presença asfíxiante do Estado Novo em suas páginas. O "desenvolvimentismo" de JK gerou um dos momentos mais ricos e criativos da cultura brasileira desse século. Na época de JK, por exemplo, ser arquiteto era motivo de orgulho. O arquiteto passava por um utópico armado de esquadro: mexia com gente, prédios e idéias. Movimentos artísticos como o concretismo e o neoconcretismo propunham leituras inovadoras da obra de arte e da poesia. Em 1956, ainda na era JK, um escritor como Guimarães Rosa publicava *Grande sertão: veredas*, encerrando de maneira genial o ciclo do ruralismo da literatura brasileira. Depois de Rosa, a urbanização foi invadindo os campos e foram para as cidades cerca de 70% da população brasileira. *Quarup*, de Antonio Callado, foi a resposta literária à ditadura; os contos e romances de Rubem Fonseca nasceram da radical e violenta urbanização. Sarney deu pouco, ou melhor, deu a teoria da razão cínica do psicanalista Jurandir Freire Costa, que captou o pulso simbólico da época. Votar na quarta-feira é mais do que escolher um presidente. É escolher um tipo de cultura que vai durar meia década no país. Vota-se não só pelo desejo de ver o país sair do atoleiro e do circo em que se meteu. Vota-se também por uma moral e por uma sensibilidade: Vota-se por uma cultura.